

**Guido Liebermann**



# Freud no Kibutz

**Paulo Sérgio de Souza Jr.**

*tradução do francês*



**Blucher**

**Guido Liebermann**



# **Freud no kibutz**



*Tradução*  
**Paulo Sérgio de Souza Jr.**

*Freud no kibutz*, Guido Liebermann

Título original: *La psychanalyse à l'épreuve du Kibboutz*, publicado originalmente em 2014

Série pequena biblioteca invulgar, coordenada por Paulo Sérgio de Souza Jr.

© 2014 Éditions Campagne Première

© 2023 Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher

*Editor* Eduardo Blücher

*Coordenação editorial* Jonas Eliakim

*Produção editorial* Ariana Corrêa

*Tradução* Paulo Sérgio de Souza Jr.

*Preparação de texto* Ana Maria Fiorini

*Diagramação* Negrito Produção Editorial

*Revisão de texto* MPMB

*Capa e projeto gráfico* Leandro Cunha

---

# Blucher

---

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

**contato@blucher.com.br**

**www.blucher.com.br**

Segundo Novo Acordo Ortográfico,  
conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico  
da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de  
Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por  
quaisquer meios sem autorização escrita  
da editora.

---

Todos os direitos reservados pela Editora  
Edgard Blücher Ltda.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO  
NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

---

Liebermann, Guido

Freud no Kibutz / Guido Liebermann ;  
tradução de Paulo Sérgio de Souza Jr. – São  
Paulo : Blucher, 2023.

348 p. (Série pequena biblioteca invulgar)

ISBN 978-65-5506-325-7

1. Psicanálise. 2. Freud, Sigmund, 1856-  
1939. 3. Comunidades. I. Título. II. Paulo  
Sérgio de. III. Série

23-1132

CDD 150.195

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

# Conteúdo

<i>Prólogo</i>	11
<b>Parte I. Freud no kibutz</b>	<b>23</b>
As pequenas comunas agrícolas	25
O Ha-Shomer Ha-Tza'ir	49
Qual educação para os filhos do kibutz?	107
Zvi Sohar e Shmuel Golan	135
<b>Parte II. Psicanálise e educação coletiva</b>	<b>191</b>
Mishmar Ha-Émek e os filhos do kibutz	193
Por uma maternagem sem mãe nem neurose	207
“Educar a pulsão”	225
A educação sexual no kibutz	233

<b>Parte III. Entre freudismo e marxismo</b>	<b>269</b>
Freudismo <i>versus</i> marxismo	271
A psicanálise freudiana e a <i>ego psychology</i>	299
<i>Epílogo</i>	325
<b>Álbum de fotos</b>	<b>331</b>

# As pequenas comunas agrícolas

*1881-1904: a primeira onda de imigração*

A história das pequenas coletividades agrícolas, socialistas e judaicas, criadas na Palestina a partir de 1910, é um dos capítulos mais importantes e singulares da história de Israel. Ela começa na aurora do século XX e nasce de um estranho cruzamento das ideias marxistas da Europa Oriental e do movimento sionista, mais precisamente na Rússia, nos círculos judaicos e revolucionários. São esses militantes judeus socialistas e sionistas que, tendo deixado a Rússia no comecinho do século XX, iniciam o movimento socialista na Palestina e, em seguida, nos anos 1920, estarão na origem da fundação dos primeiros kibutzim.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Laqueur, W. (1973). *L'édification d'une nouvelle société et les progrès du sionisme de gauche*. In W. Laqueur, *Histoire du sionisme* (Vol. 1, pp. 396-493). Paris: Gallimard.

A ideia de fundar na Palestina um Estado socialista não era inteiramente nova: ela se encontrava especialmente em Moshe Hess, companheiro de Karl Marx, que, contrariamente a este, não pensava que a revolução socialista também seria o fim do antisemitismo. Naquele momento, na Europa Ocidental, os judeus começavam a se beneficiar de alguns direitos e liberdades, outorgados no processo de emancipação iniciado por volta de 1850, e que também iria se estender, muito brevemente, à Rússia do czar Alexandre II — até o seu assassinato num atentado a bomba, cometido em abril de 1881 por um militante anarquista. Os regimes do czar Alexandre III e, depois, o de Nicolau II, que o sucede, inauguram um dos períodos mais sombrios da história dos judeus, com a imposição de restrições severas, o desencadeamento de pogroms e de perseguições que continuarão depois da Primeira Guerra Mundial.

Os judeus russos eram, na grande maioria, muito pobres. Não podiam exercer livremente nem o comércio, nem as profissões liberais, tampouco ocupar cargos públicos. Não podiam estudar. Geralmente, eram proibidos de sair do próprio vilarejo ou do próprio burgo e não possuíam o direito de se mudar para as cidades grandes do Império. Eles conheciam a miséria, a opressão e a humilhação. Um número bem grande de judeus russos se identificou com a causa do proletariado e abraçou com fervor as ideias de Marx, de Proudhon ou de Kropótkin. Encontravam-se, assim, na linha de frente dos movimentos revolucionários.

A primeira onda de imigrantes judeus na Palestina (1881-1904) era composta por homens que buscavam escapar das

perseguições antisemitas na Europa Central e Oriental, e que não provinham das camadas revolucionárias.

O próprio Theodor Herzl, fundador do sionismo político, desconhecia que imigrantes judeus russos já se haviam instalado na Palestina no momento em que tentava organizar o movimento sionista internacional. Ele também desconhecia que, depois de Moshe Hess e Leon Pinsker, o dirigente socialista russo Nachman Syrkin havia convocado, em 1895 — logo, um ano antes da publicação de *Estado judeu* —, a criação de um Estado judaico, socialista e laico na Palestina. As ideias socialistas e marxistas não faziam parte do projeto sionista concebido por Herzl e pelos dirigentes liberais da Organização Sionista Mundial — criada em 1897, depois do primeiro congresso sionista, que ocorrera naquele mesmo ano na Basileia. E quando, no fim do século XIX e início do XX, um número muito grande de judeus russos havia ganhado as costas da América, é com esses judeus russos (em sua maioria socialistas) que os sucessores de Herzl (falecido em 1904) irão contar para ocupar e trabalhar as terras que eles haviam comprado durante o regime otomano ou após a Declaração Balfour e a ocupação da Palestina pelos britânicos em 1917.

Esses marxistas judeus, que militavam em organizações revolucionárias na Rússia, percebiam que não podiam se integrar completamente ao movimento dos trabalhadores do país; eles não faziam parte da classe operária nem do proletariado rural, e não eram considerados proletários de verdade por seus camaradas de movimento. Tinham, então, de confrontar cotidianamente o antisemitismo em seu próprio vilarejo, no interior da escola, no trabalho e até nos movimentos em que



militavam. Os grandes líderes socialistas da época, cientes do antissemitismo no seio do movimento dos trabalhadores, tendiam a considerar esse problema como secundário em relação às outras preocupações dos trabalhadores. Eles sustentavam que o antissemitismo iria desaparecer com a revolução. O reventamento dos pogroms de Kishinev e de Homel em 1903, porém, e outras violentas manifestações antissemitas reforçaram a convicção de um grande número de judeus socialistas de que só na Palestina é que eles poderiam criar as condições necessárias para o advento da revolução socialista.

Na Rússia, em 1906, Ber Borochof e Nachman Syrkin, entre outros, fundam um partido trabalhista socialista, democrático, judaico e independente, o Po'alei Tzion (Os Trabalhadores de Sião), e abrem o caminho para o advento de uma pátria socialista na Palestina. O Po'alei Tzion torna-se então o primeiro partido socialista e sionista de massa, membro da Segunda Internacional, fazendo a síntese das concepções marxistas e da ideia do retorno do povo judeu à terra de seus ancestrais. Seu sionismo, socialista, é bem diferente do que é pregado pelos partidários de Herzl, pelos burgueses da Organização Sionista Mundial e pelos imigrantes da primeira onda de imigrantes já instalados na Palestina.

O Po'alei Tzion se torna muito rapidamente alvo de violentas críticas e de ataques oriundos do campo marxista revolucionário, depois da revolução russa malsucedida de 1905, a começar pelos dirigentes do Bund, partido judaico socialista, fundado na Lituânia, que acusa os sionistas de colocar lenha na fogueira dos antissemitas e se deixar levar por ideias utópicas. Se a revolução socialista ainda não se havia produzido em

sociedades industriais da Europa Ocidental e da Rússia, como conceber que ela possa ter ocorrido num Império Otomano feudal e atrasado? Por outro lado, o Bund acusa os militantes sionistas socialistas de jogar o jogo dos rabinos, dos burgueses da Organização Sionista Mundial, dos Rothschild, e de “desviar a atenção das massas para perigosas utopias”.<sup>2</sup> De sua parte, os dirigentes do Po’aléi Tzión culpam os membros do Bund de minorar o antisemitismo nas massas e nos partidos, e de escamotear a questão da identidade nacional. Eles também defendem a ideia de que a imigração de trabalhadores judeus para a Palestina iria chamar a atenção dos judeus empresários, e que uma nova classe proletária, na vanguarda da revolução, iria se constituir na Palestina.

### *1905-1914: a segunda onda de imigração e a ideia do novo judeu*

A guerra russo-japonesa de 1904-1905 e a malsucedida revolução socialista russa de 1905 fazem com que um grande número de judeus socialistas imigre para a Palestina. Cerca de 40 mil imigrantes chegam ao país entre 1904 e 1914. A maioria deles havia recebido, na Europa Central e Oriental (Rússia, Polônia, Galícia austro-húngara), uma educação judaica tradicional. Era uma onda de imigração sociologicamente muito heterogênea, contendo médicos, engenheiros, professores, jornalistas, escritores, artistas, cientistas...

---

2 Laqueur, W. (1973). *Histoire du sionisme* (Vol. 1). Paris: Gallimard, pp. 400-401.

São os operários judeus vindos da Rússia e da Polônia que darão à luz importantes formações políticas do mundo trabalhista na Palestina, depois em Israel, ao se instalarem nas cidades, mas sobretudo nas regiões agrícolas no norte do país. Entre eles havia militantes do Po'aléi Tzión, bem como de outros movimentos socialistas não marxistas da Rússia, especialmente o Ha-Po'el Ha-Tza'ir (O Jovem Trabalhador), cujo líder era o célebre Aaron David Gordon. Sob a direção de Yosef Vitkin, que havia organizado na Rússia a Federação dos Jovens Trabalhadores (Histadrút Ha-Po'alím Ha-Tzeiyím), o Ha-Po'el Ha-Tza'ir — assim como o Po'aléi Tzión — clamava por uma revolução socialista na Palestina, mas sem que tivesse forjado uma doutrina clara a respeito. Esses pragmáticos não alegavam ser um corpo ideológico preciso, mas consideravam o trabalho manual como um “novo valor moral do povo judeu”, “o remédio para todos os males da existência de que padeciam os judeus da Diáspora” (Gordon). Do seu lado, Yosef Aharonowitch, Yosef Sprinzak, Berl Katznelson, Yitzhak Tabenkin, David Remez e o escritor Chaim Brenner farão do trabalho braçal, com o retorno à terra, o emblema de seu movimento.

Desde a chegada na Palestina, em 1905, os jovens militantes do Po'aléi Tzión e os do Ha-Po'el Ha-Tza'ir fundam formações políticas independentes, mas partilham a ideia da necessidade de se proletarizar. Seu *slogan*, “Conquista do trabalho” (Kibúsh 'Avodá), mostra a vontade que eles têm de se organizar e de se apropriar da ferramenta de trabalho.

Esses socialistas da segunda onda de imigração entraram em conflito com os seus predecessores, que o espírito pionei-

ro dos primeiros anos (por volta de 1881) havia abandonado. A maioria dos pioneiros da primeira onda tinha renunciado ao trabalho manual, ao trabalho com a terra, preferindo delegar essa tarefa aos operários árabes, mais experientes que eles, constituindo uma mão de obra mais barata e também menos inclinados a contestar a autoridade dos empregadores e a fazer greve. Os socialistas da segunda onda de imigração denunciavam o “emburguesamento” desses novos pequenos empreendedores e pequenos funcionários públicos.

Os trabalhadores agrícolas da segunda onda decidem então criar o seu primeiro sindicato, a Organização dos Trabalhadores da Galileia e da Judeia, em 1909 (Histadrút Po’ale Ha-Galíl ve-Ha-Yehudá); a sua própria Associação Mutualista de Assistência Médica, em 1911 (Kupát Holím); e a sua própria Cooperativa de Compra, em 1916 (Mashbír). Sob a égide de Berl Katznelson, são criadas “bibliotecas para trabalhadores”, com uma vasta literatura em hebraico, russo, polonês, iídiche, grego, e obras de autores diversos — como Dostoiévski, Brenner, Kropótkin, Marx, Lênin... São organizados encontros nos quais, em uma ambiência romântica e revolucionária, tocam violino e piano, declamam poesia, especialmente poesia local — a de Rachel, elevada ao estatuto de poetisa nacional e emblema da segunda onda de imigração.

Os trabalhadores socialistas fundam também os seus próprios jornais em língua hebraica: *Ha-Akhdút* (Po’aléi Tzión), em 1910; *Davár* (fundado por Berl Katznelson), em 1925; e sobretudo o *Ha-Po’el Ha-Tza’ir*, em 1908, um jornal que atribuía

um lugar muito importante à cultura, que dará a conhecer a obra de Freud e a psicanálise.<sup>3</sup>

A língua hebraica se torna a língua oficial dos trabalhadores judeus da Palestina, particularmente depois de 1920, isto é, depois das tentativas fracassadas dos trabalhadores judeus de associar as populações árabes num movimento de trabalhadores ampliado. Cursos de hebraico são organizados para os novos trabalhadores vindos da Europa, e aqueles que já haviam aprendido a nova língua dos trabalhadores podiam ser multados caso falassem iídiche. Pois os imigrantes da segunda onda de imigração eram obcecados com a ideia de se forjar uma nova identidade judaica, nas antípodas da identidade do judeu humilhado da Diáspora.

Esses homens e mulheres socialistas, tendo conhecido o antissemitismo, a discriminação e a humilhação, haviam chegado pobres à Palestina. Não tinham nada a perder e, com as suas mãos — à custa de sua saúde e, por vezes, da própria vida —, tornaram férteis os charcos, os desertos e os solos rochosos. Eles são conhecidos na história do sionismo pelo nome de *Khalutzím*, os pioneiros, os representantes do novo judeu.

---

3 Liebermann, G. (2012/2023). *A psicanálise em Israel: Sobre as origens do movimento freudiano na Palestina britânica (1918-1948)* (2a ed., P. S. de Souza Jr., trad.). São Paulo: Annablume.

## *Na época das comunas*

Cheias de ideias e de entusiasmo revolucionários, mas desprovidas no plano financeiro, as pequenas comunas agrícolas socialistas têm de aceitar, contra as suas convicções, o apoio da Organização Sionista Mundial — que lhes concede lotes de terra nos quais se instalar. Comunas e cooperativas agrícolas são criadas, primeiro nas terras compradas pela Jewish Colonisation Association (Associação Judaica de Colonização – ICA); depois, pelo escritório da Organização Sionista Mundial em Jafa, aberto por Arthur Ruppín em 1908. A partir de 1905, estabelecem-se em Petah Tikva e em Rehovot, no centro do país, e nas terras de Delaika, à beira do lago de Tiberíades.

Se as primeiras tentativas de criar pequenas coletividades agrícolas foram precárias e se revelaram um fracasso no plano econômico, no plano ideológico, em contrapartida, a ideia de criar na Palestina comunas de trabalhadores fundamentadas em valores socialistas e humanistas se vai impor. É assim que, em 1908, um grupo de militantes socialistas vindos da comuna dos trabalhadores de Petah Tikva decide partir para o norte e se instalar nas terras desocupadas de Delaika que a ICA havia adquirido em 1905. Era um pequeno grupo de militantes socialistas oriundos da cidade de Romny, na Ucrânia. Administrada pelos capatazes da ICA, num clima de tensão, os trabalhadores da fazenda organizam, em 1909, pela primeira vez, uma greve em protesto contra os funcionários do estabelecimento. Não obstante, simultaneamente por causa do fracasso econômico da empreitada, da incompatibilidade com as exigências dos arrendadores da ICA, mas também das

divergências ideológicas entre os trabalhadores da fazenda, pequenos grupos de jovens pioneiros se destacam dessa comuna para fundar outras, na Alta e na Baixa Galileia — comunas de trabalhadores autônomos funcionando segundo um programa socialista.

Esses membros se distinguem de outros grupos de trabalhadores por seu indefectível apego aos valores do socialismo revolucionário. Em terras inabitáveis do norte, instalam novas comunas, constroem moradias, tornam o solo explorável, depois, a fim de não se deixar pegar pelo sedentarismo, cedem progressivamente as suas moradias e terras a recém-chegados; instalam-se noutros lugares, às vezes em terras compradas com seus próprios recursos, e fundam novas comunas de trabalhadores, dentre as quais a mais célebre será Degânia, fundada em 1910 e conhecida como a experiência fundadora e o modelo das que viriam a seguir.

### *Romantismo e exotismo revolucionário: o movimento Ha-Shomer*

Além das doenças e das condições climáticas que dificultavam a vida dos trabalhadores judeus, as suas moradias precárias (barracões, casebres de barro ou barracas em mau estado) eram vítimas de ataques de assaltantes árabes beduínos. Ora, numa Palestina otomana em decadência, com uma administração totalmente corrompida, ou mesmo inexistente, os trabalhadores judeus não tinham outra escolha a não ser garantir sua autodefesa. Em 1909, forma-se a primeira organização

de defesa judaica conhecida com o nome de Ha-Shomer, e a maioria de seus membros se reencontraria, em 1920, no exército semiclandestino de autodefesa judaica (Haganá), que, após a fundação do Estado de Israel, se tornará Tzahal. A missão desses homens consistia em defender e proteger os estabelecimentos agrícolas e os interesses dos judeus do país. Ademais, eram fervorosos revolucionários apegados ao trabalho com a terra. Com suas famílias (mulheres e crianças), à imagem dos cossacos na Polônia e dos personagens saídos de um romance de Tolstói, percorriam o país a cavalo, particularmente a Galileia, a fim de garantir a proteção dos judeus da Palestina.

Organizavam-se em pequenas comunas nômades, compartilhavam as refeições, as roupas e os uniformes, as oficinas e as ferramentas de trabalho; recebiam as mesmas porções de comida e as mesmas quantias em dinheiro extra: recusavam-se a aceitar créditos bancários, considerando a prática contrária aos princípios do marxismo. Tiveram de enfrentar a malária — que, na época, vinha causando estragos — e a falta de assistência médica. Eram pobres, muito pobres, e andavam descalços. Sua comuna era chamada de “comuna dos descalços”. Os membros do Ha-Shomer conservavam uma convicção inabalável; eles queriam, a todo custo, se tornar figuras heroicas, encarnar o judeu do tempo dos profetas. Eram os marxistas mais estranhos e mais exóticos que se poderiam encontrar nos anais do movimento dos trabalhadores.

O Ha-Shomer era um grupo seletivo e elitista. Seus membros organizavam cerimônias de entronização dos recém-chegados; haviam forjado um vocabulário e rituais próprios, e



eram ciosos de seus segredos. Seus ideais e projetos tinham como foco o valor moral do trabalho e as prescrições do socialismo revolucionário. Eles se vestiam da mesma maneira que as populações árabes locais, ao mesmo tempo para encarnar a imagem do judeu heroico da Bíblia e para não se mostrar, perante os árabes, como “judeus europeus humilhados”. Aliás, eles haviam pego dos beduínos alguns costumes que, de acordo com os membros do Ha-Shomer, eram vestígios da antiga cultura das tribos de Israel: o retorno à vida na natureza, o ofício do pastoreio, danças em que empunhavam suas espadas à luz de fogueiras em noites estreladas... As mulheres comprometidas com o Ha-Shomer encontravam as mulheres beduínas, que lhes ensinavam os seus truques: cozinha, fabricação de queijos e cremes fermentados, herbalismo...

Esses pioneiros sonhavam com uma vida nova e livre, radicalmente diferente daquela que haviam levado na Diáspora. Depois de um período de nomadismo radical, em 1913, auxiliados por subvenções concedidas pela ICA e pela Caixa dos Trabalhadores de Eretz-Israel (criada pelos militantes do Po'aléi Tzión), os membros do Ha-Shomer irão se instalar primeiro nas terras de Tel Adash, situadas a alguns quilômetros da cidade de Afula; depois na Galileia do Norte, na fronteira com o Líbano, para ali fundar outras comunas que se tornaram célebres: Guiv'át Ha-Shomrím, Ayélet Ha-Sháhar e Tel Hai. Em 1918, Guiv'át Ha-Shomrím será rebatizada como Kfar Guiladi, em homenagem a Israel Giladi, um dos líderes espirituais do movimento, falecido naquele ano. Com a comuna de Degânia, situada cerca de vinte quilômetros ao sul, Kfar Guiladi irá se tornar um dos bastiões do movimento dos tra-

balhadores da Palestina oriundos do Po'aléi Tzión, que, sob a égide de Yitzhak Tabenkin, será a base do movimento União dos Pioneiros (Me'ukhád).

### *O Ha-Shomer diante das pioneiras*

Para os homens do Ha-Shomer, não era fácil encontrar mulheres que os acompanhassem nessa vida nômade e difícil. Eles não acreditavam que a judia tradicional fosse capaz de trabalhar na lavoura. Esperavam que uma mulher se calasse e se dedicasse ao trabalho manual. Essa misoginia dos homens do Ha-Shomer encontra viva resistência das mulheres do movimento que defendem os seus direitos e organizam o movimento feminista na Palestina. Manya Shochat conduziu a revolta das mulheres contra o machismo dos homens do Ha-Shomer. Ela contestava especialmente o direito dos homens de guardar segredo quanto às atividades e decisões no interior do movimento, e reclamava o direito das mulheres de participar das assembleias. Conclamava as pioneiras à luta para trabalhar na lavoura; para se ocupar, da mesma forma que os homens, das diversas tarefas agrícolas; para montar a cavalo, carregar o fuzil e participar da defesa do Yishúv, isto é, do conjunto dos judeus presentes na Palestina antes da criação de Israel. No entanto, a peleja das mulheres para adquirir igualdade de direitos foi difícil e dolorosa. Elas não só tiveram de enfrentar o descontentamento dos homens do Ha-Shomer como também sofreram as piores difamações dos rabinos do Yishúv, que as acusavam de sair de seu papel natural.

Junto com Manya Shochat, Hana Maizel também desempenhou um papel considerável na emancipação e na organização das mulheres operárias da Palestina. Em 1911, ela cria em Ben Shemen a primeira “fazenda para trabalhadoras” destinada a formar as mulheres no trabalho agrícola, na organização racional das tarefas de cozinha, limpeza, lavanderia e higiene. Depois, funda um movimento independente de mulheres operárias da Palestina e organiza, em 1914, em Merchavia, a primeira convenção de mulheres operárias do país, da qual participaram 209 pioneiras.

Formadas e preparadas em atividades manuais até então reservadas aos homens, as socialistas reclamam o direito de trabalhar na agricultura, mas suas reivindicações são recebidas com desconfiança. A mais de uma será recusado o acesso às coletividades agrícolas socialistas. No entanto, ao longo da Primeira Guerra Mundial, serão essas mesmas pioneiras socialistas que desempenharão um papel crucial na manutenção das coletividades agrícolas, substituindo — no trabalho com a lavoura e a oficina — os homens que partiram para a guerra, os exilados ou falecidos; ocupando-se dos operários e dos imigrantes famintos e sem-teto; acolhendo e organizando a assistência e a educação das crianças órfãs e dos refugiados desvalidos.

## *Degânia: da comuna à primeira coletividade socialista*

Em seguida ao conflito que havia eclodido em 1909 entre os trabalhadores da fazenda Kinneret e os capatazes da ICA, os socialistas da segunda onda julgam necessário criar comunas agrícolas que funcionem com toda autonomia, para escapar da Organização Sionista Mundial. Em 1910, um contingente de trabalhadores composto de dez homens e duas mulheres, em sua maioria oriundos do grupo que provinha de Romny, na Ucrânia, seguindo os preceitos de Trumpeldor e Zvi Schatz, partem para se instalar nas terras de Um-Juni, onde o Jordão nasce. Tendo à sua frente Jossef Bussel e sua esposa Hayuta, ambos vindos para a Palestina em 1908, fundam Degânia, a primeira coletividade socialista de trabalhadores autônomos (*kvutzá*). Degânia, que se tornará rapidamente o modelo para outras coletividades, é conhecida na história do sionismo como “a mãe das experiências pioneiras” das futuras coletividades na Palestina britânica e Israel. Elas logo serão reunidas por membros do Ha-Shomer, trabalhadores de Sejera e de Migdal, e, em 1912, pelo próprio Yossef Trumpeldor.

Nas assembleias de Degânia, são vigorosas as discussões relativas às novas modalidades de funcionamento dessas novas coletividades socialistas: sobre a gestão, o planejamento e o cultivo das terras, o material de trabalho, a distribuição dos bens e salários, a gestão das lojas comuns de roupas, alimentos... Pela primeira vez, discute-se também a organização da família e a educação coletiva das futuras crianças. São estabelecidas linhas de ação, regras de vida comum, concernindo até

mesmo às relações íntimas. Os preceitos, votados pela maioria dos membros participantes das assembleias, deveriam estar à altura da tarefa.

Os pioneiros de Degânia chegam à conclusão de que, naquela situação, após o conflito com seus antigos empregadores de Kinneret e sua relativa emancipação dos liberais da Organização Sionista Mundial (Jewish Colonisation Association – ICA), a ideia de conceber um “proletariado agrícola” nos moldes russos já não era atual. Tendo conseguido criar novas comunas que funcionavam com toda autonomia, geridas pelos próprios trabalhadores, e suprimir a classe dos funcionários públicos, eles se tornaram, por sua vez, os próprios “patronos”. Também decidem pôr fim ao “nomadismo dos trabalhadores” pregado pelo Ha-Shomer. Era preciso, dali em diante, criar coletividades permanentes nos moldes de Degânia, geridas pelos trabalhadores, ao mesmo tempo assegurando que os membros não se emburguesassem.

Jossek Bussel, um dos líderes do grupo, tem de enfrentar as tensões e as divergências ideológicas que surgem inevitavelmente em Degânia. Bussel e seus camaradas chegam à conclusão de que a experiência de Degânia só resistirá se conseguirem formar um grupo unido pela solidariedade, pela “intimidade revolucionária”, isto é, por uma comunhão de ideias. Será preciso, então, selecionar as pessoas, restringir o número de membros de uma mesma coletividade a quarenta, isto é, uma dezena de famílias, depois nomear cada uma delas para um cargo de direção.

## *A família em questão*

Os membros de Degânia se indagam sobre o que devem ser as relações amorosas e conjugais entre os trabalhadores e no seio da família proletária. Para tanto, será preciso romper com o conservadorismo da vida judia tradicionalista da Diáspora e se livrar das teorias do amor burguês. São sobretudo as mulheres do Ha-Shomer que desenvolvem a ideia de “amor revolucionário” e a dos novos laços necessários entre camaradas homens e camaradas mulheres, que não são impostos pelo imperativo paterno no âmbito da sociedade burguesa que tem lugar nos salões da aristocracia ou nos preceitos da religião judaica. Dali em diante, o desejo da mulher será levado em conta; ela já não será apenas o adereço do homem e da família. A tensão erótica entre os trabalhadores se expressa nas trocas de olhares, por meio das palavras de amor escritas em sua língua materna (o russo, o polonês e o iídiche), desafiando assim a interdição de falar noutra língua que não o hebraico — e é em total clandestinidade que transmitiam palavras uns aos outros, pelas gretas das paredes de madeira de seus dormitórios ou com a cumplicidade de um dos camaradas seus.

Como conceber o amor, as relações entre garotos e garotas, o casal, a parentalidade: questões embaraçosas para aqueles jovens que sonhavam com o amor revolucionário, em sua maioria oriundos de famílias religiosas e tradicionalistas das comunidades judaicas da Europa Oriental e Ocidental. Como criar, na Palestina, uma sociedade livre e sem entraves, longe dos rabinos, dos pequenos burgueses que regulavam as questões civis numa Palestina otomana medieval, e isso quando a

instituição do casamento era considerada contrária aos objetivos revolucionários pelos pioneiros e pioneiras socialistas? Quando ficavam sabendo que dois deles se haviam casado escondido diante de um rabino, sem ter recebido previamente o consentimento do grupo, os culpados eram severamente chamados à ordem e punidos. O delito se tornava objeto de um parecer por escrito, que era transmitido à direção da Organização dos Trabalhadores.

Dali em diante, tudo deveria responder a programas que tivessem sido aceitos pelos membros da organização, inclusive a concepção das crianças. Fica decretado que as pioneiras não devem ter filhos, não antes de alguns anos. Naquele período crítico, o nascimento de crianças era uma ameaça para o futuro do projeto. O nascimento do primeiro bebê acarretou uma verdadeira crise ideológica no seio do grupo.

A ausência de crianças entre os trabalhadores do norte da Palestina era tão impressionante que, de acordo com o testemunho de Zahava Uri,<sup>4</sup> quando o escritor Shalom Asch foi visitar as pequenas comunas de Merchavia, Degânia, Migdal e Kinneret, tomou nota em ídiche, enfurecido: “Por que vocês estão fazendo de Eretz Israel um asilo de loucos? Em todos esses lugares que visitei, não escutei uma vez sequer os gritos de uma criança! Como isso é possível?”

No entanto, os pioneiros de Degânia não haviam negligenciado a importância das crianças na nova sociedade que

---

4 Testemunho de Yitzhak Tabenkin em: Tzur, M., Zevulum, T., & Porat, H. (Org.). (1981). *Kan 'al pnei ha-adamá [The beginning of the Kibbutz]*. Israel: Hotzaat Ha-Kibbutz Há-Meuhad ve-Sifriát Po'alím, p. 77.

queriam construir. No início da experiência, contudo, estavam preocupados primeiro com a sobrevivência, e totalmente desvalidos diante da questão dos bebês, de seus cuidados e da educação das crianças; eles estavam muitíssimo confusos e se perguntavam se a presença de crianças em suas coletividades era verdadeiramente compatível com a vida comum que haviam imaginado. Faltava lugar para eles próprios, dormiam em dormitórios coletivos, viviam em condições extremamente rudimentares.

Yizthak Tabenkin, que irá se tornar o líder do movimento kibutziano unificado, lembra que nos primeiros anos as pioneiras não tinham a menor ideia de qual era a função de uma mãe, nem do cuidado e da educação das crianças.<sup>5</sup>

As primeiras mães estiveram muito desamparadas. No entanto, algo era claro para todos, desde o princípio: se, por um lado, era justamente a mãe que, com o seu amor, devia se encarregar dos primeiros cuidados da criança; por outro, era responsabilidade da coletividade garantir a esta alimentação, roupas, assistência médica e educação. Pois, contrariamente ao modelo da sociedade burguesa, as crianças não eram “propriedade privada” dos pais. Eram destinadas a se tornar filhos dos trabalhadores de todo o país, os novos filhos do Povo judeu, nascidos em Eretz Israel. As primeiras crianças, nascidas em 1911 em Degânia e em Kinneret, eram filhas das mulheres e dos homens do Ha-Shomer, que levavam os seus

---

5 Testemunho de Yizthak Tabenkin em: Tzur, M., Zevulum, T., & Porat, H. (Org.). (1981). *Kan 'al pnei ha-adamá [The beginning of the Kibbutz]*. Israel: Hotzaat Ha-Kibbutz Há-Meuhad ve-Sifriát Po'alím, p. 77.



bebês de um lado para o outro, causando-lhes sofrimentos inúteis. Pioneiras socialistas se perguntavam se tudo aquilo não passava de uma loucura coletiva, e se interrogavam sobre o futuro da experiência. De fato, como conciliar o estatuto de plenas trabalhadoras e a maternidade? Em 1910 e 1911, elas não dispunham de solução. Por fim, Hayuta Bussel, a esposa de Jossef, e Miriam Beretz, em Degânia, em coordenação com as mulheres de Kfar Guiladi, organizaram-se para conceber modalidades de assistência para bebês e crianças, sem minar seus ideais: em nome da libertação da mulher, permitir que as mães continuassem a trabalhar, livrá-las da dependência dos homens e dos filhos. Foi assim que nasceu a ideia de cuidados coletivos, que vão preceder o conceito de “educação coletiva”, elaborado alguns anos mais tarde pelos militantes do Ha-Shomer Ha-Tza’ir, e que irá se tornar o modelo de educação aplicado na maioria das comunas agrícolas da Palestina britânica e, depois, de Israel. É com um pequeno grupo de quatro crianças nascidas em Degânia, ou nos arredores, que Hayuta Bussel os organiza, permitindo que as mães continuassem a trabalhar com os homens.

À noite, as crianças dormiam no quarto dos pais, ao passo que durante o dia eram reunidas num dormitório coletivo, sob a supervisão de uma das membras, encarregada de cuidar das crianças. Mas, inexistindo acompanhamento médico, a mortalidade infantil era significativa, apesar dos esforços para assepsiar o ambiente. Ademais, faltava tudo: roupas, alimentação adequada, alimentos de substituição quando a mãe não podia amamentar. Nesse caso, outras supervisoras eram solicitadas. Os brinquedos tinham de ser compartilhados por todas as

crianças: a menor parcela de propriedade privada estava fora de questão! Os presentes eram proibidos.

Entre 1914 e 1918, durante a Primeira Guerra Mundial, as questões atinentes aos cuidados e à educação evoluem. A Palestina, sob controle otomano, é atormentada pela fome, pela desolação e pelo horror. As mulheres desempenham um papel crucial: elas trabalham na lavoura, vão atrás de alimento, acolhem outras mulheres judias, viúvas e refugiadas vindas de outras regiões do país, e se encarregam das crianças judias órfãs. Em Kfar Guiladi, as mulheres do Ha-Shomer criam, assim, uma casa de acolhimento que recebe órfãos de guerra, filhos de trabalhadores e de refugiados. Essa experiência alimenta suas reflexões sobre a organização dos cuidados coletivos.

Em 1918, as mulheres socialistas decidem se reunir em Sharona a fim de discutir as modalidades de uma política de cuidados para os bebês e de educação coletiva para todas as coletividades do país. Em Kfar Guiladi e em Ein Harod, por exemplo, já se tenta instaurar dormitórios coletivos, onde as crianças passarão a noite longe dos pais. Com a Revolução de Outubro, os pedagogos socialistas vislumbram, também eles, fazer com que as crianças durmam separadas dos pais. Mas a passagem do quarto parental ao quarto coletivo mal preparado foi difícilíssima, sendo então abandonada. Os membros do Ha-Shomer Ha-Tza'ir são os que irão mais longe em suas experiências educativas inspiradas na psicologia freudiana, criando com sucesso o dormitório coletivo.

Para a instrução escolar dos filhos dos trabalhadores, foi fundada em 1921, em Kfar Guiladi, a primeira escola para

crianças. A segunda abre suas portas em 1924 em Ein Harod; e a terceira, em 1926, em Degânia, paralelamente a uma outra experiência educativa original realizada no kibutz Beit Alfa, entre 1924 e 1929, e que iremos evocar no capítulo seguinte.

### *Das pequenas comunas agrícolas aos kibutzim*

O fim da Primeira Guerra Mundial, a Revolução de Outubro na Rússia, a ocupação da Palestina pelos britânicos e a Declaração Balfour — que concede ao povo judeu o direito de criar, na Palestina, um lar nacional — vão dar um considerável impulso a esses movimentos.

Gostaria de lembrar brevemente a reorganização dessas pequenas comunas agrícolas, sua transformação em coletividades agrícolas que funcionam conforme princípios ideológicos, econômicos, sociológicos e políticos definidos. Após o fim da Grande Guerra, no Estado de direito estabelecido na Palestina pelos britânicos, e com o amparo financeiro da Organização Sionista Mundial — doravante encarregada, pelo governo britânico, de gerir as questões dos judeus da Palestina —, outras coletividades agrícolas são criadas em todo o país nos moldes de Degânia, e se lançam no trabalho intensivo e racionalizado da agricultura (plantações de oliveiras, azeite, banana e cítricos destinados à exportação).

Seus membros compram máquinas agrícolas que melhoraram o rendimento; são inaugurados centros de cultura, salas de teatro e de cinema, estações de rádio. Alguns de seus membros fundadores vão para a cidade reforçar a influência

de seus movimentos, que se tornaram partidos políticos de pleno direito na Palestina britânica. Os dirigentes do Po'aléi Tzión — que, em seguida, irá se dividir em ala esquerda e ala direita —, os do Ha-Po'el Ha-Tza'ir (O Jovem Trabalhador) e da Akhdút Ha-'Avodá (União do Trabalho) — com Chaim Arlosoroff, Berl Katznelson e David Ben-Gurion, em especial — fundam, em 1920, a Organização dos Trabalhadores da Palestina (Histadrút), que terá uma influência considerável.

Com a terceira onda de imigração (1919-1923) chega um número importante de jovens originários das províncias da Galícia austro-húngara, fortemente impregnados de ideais sionistas e socialistas, especialmente os do Ha-Shomer Ha-Tza'ir. Eles vão criar o primeiro kibutz (Beit Alfa) de acordo com os seus ideais. Fundarão, em 1927, o Kibutz Artzí, potente organização reunindo os membros associados ao Ha-Shomer Ha-Tza'ir.

Com o passar dos anos afluem para o país, vindos de todos os continentes, diversos imigrantes militantes de diferentes movimentos de juventude sionistas — com todas as tendências políticas misturadas — para fundar as suas próprias coletividades agrícolas. Entre outros: os jovens do movimento pioneiro (He-Khalutz), que, depois da Rússia, chegarão da Alemanha, de Tchecoslováquia e da Romênia, desempenhando um papel crucial nas coletividades agrícolas do Gdud Ha-'Avodá; os jovens do movimento operário (Werkleute), na Alemanha, muito influenciados por Martin Buber e próximos do Ha-Shomer Ha-Tza'ir, que fundarão o kibutz Hazoré'a, perto de Mishmar Ha-Émek; os jovens do Gordonia (de Aaron David Gordon), dissidentes do Ha-Shomer Ha-Tza'ir em 1924; jovens da as-

sociação Maccabi. Mas também movimentos de juventude ligados aos partidos políticos como o Ha-Po'el Ha-Tza'ir; os do Nó'ar Ha'ovéd (Os Jovens Trabalhadores), movimento fundado em Tel Aviv em 1925; ou ainda os do kibutz Ha-Datí (Kibutz Religioso), criado em 1934 por judeus religiosos originários especialmente da Alemanha e da Polônia. Três grandes movimentos de coletividades agrícolas dominarão, durante longos anos, a cena política do país: o Kibutz Ha-Meukhád, sionista ativista socialista; o Khéver Ha-Kvutzót (Ha-Khéver); e a Federação dos Kibutzim do Ha-Shomer Ha-Tza'ir (Kibutz Artzí), que se distinguirá especialmente por sua ostensiva adesão ao marxismo oficial da União Soviética, por sua obstinação por fazer nascer, em Eretz Israel, o novo judeu, e pela integração da doutrina freudiana.

A educação é ferramenta indispensável para formar a criança e prepará-la para a vida, mas também arma potente para reduzir desigualdades e mudar o mundo. É assim que se compreendem os pioneiros chegados à Palestina no início do século XX, fundadores das coletividades agrícolas socialistas judaicas. Esse estranho cruzamento entre ideias marxistas do Leste Europeu e movimento sionista deu azo a experiências educacionais coletivas de grande inventividade, sobretudo com os nascidos nos kibutzim do Ha-Shomer Ha-Tza'ir — onde a psicanálise teve um papel central, ainda que controverso. Liebermann, que viveu em kibutz na adolescência, oferece um relato vivo dessa história, analisando as contribuições da psicanálise freudiana para a pedagogia moderna.



pequena  
biblioteca  
invulgar



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## Freud no kibutz

---

Guido Liebermann

ISBN: 9786555063257

Páginas: 348

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2023

---